



[Sala de interrogatório 37](#)

[Sala de interrogatório 38](#)

[Sala de interrogatório 39](#)

[Sala de interrogatório 37](#)

[Sala de interrogatório 38](#)

[Sala de interrogatório 38](#)

[Sala de interrogatório 39](#)

[Sala de interrogatório 38](#)

[Sala de interrogatório 37](#)

[Sala de interrogatório 38](#)

[Sala de interrogatório 38](#)

[Sala de interrogatório 39](#)

[Sala de interrogatório 37](#)

[Sala de interrogatório 38](#)

Hoje

Sala de interrogatório 37

Sala de interrogatório 38

Sala de interrogatório 38

Sala de interrogatório 37

Agradecimentos

Créditos

Para a minha família

Esta é uma história baseada em fatos

Sala de interrogatório 37

Amir

Primeiramente, deixa eu esclarecer uma coisa: eu não sou terrorista. Eu sou gay. Pela sua cara dá pra perceber que você não acredita, e eu entendo. Pessoas como eu não deveriam existir, muito menos fazer esse tipo de confissão em uma situação como esta. Mas eu te garanto. Sou real. Estou aqui. Sou iraniano. E sou gay. Só precisava botar isso pra fora antes de a gente começar, já que você me perguntou por que eu e minha família estávamos brigando naquele avião. Não tem nada a ver com terrorismo e tudo a ver comigo.

Tudo bem, pelo jeito que você está pigarreando, vou presumir que eu provavelmente deveria focar nas perguntas. Desculpa, policial. Não quis ser desrespeitoso.

Meu nome é Amir Azadi. Tenho dezoito anos.

Fiquei em Roma por mais ou menos um mês. Sim, na Itália mesmo. Não sei exatamente quantos dias eu passei lá.

Morei em vários apartamentos em Roma. Posso conseguir os endereços, se você quiser. Minha família me encontrou ontem no interior da Itália. Voltei com eles por vontade própria. Não sei dizer exatamente por que – foi tudo tão rápido –, e depois brigamos no voo, e acredito que seja por isso que eu estou aqui.

Eu estava no meio de um turbilhão de emoções tão grande que nem percebi quando os comissários de bordo começaram a separar

nós quatro. Eles nos colocaram em partes separadas do avião. Um deles foi bem gentil comigo, na verdade.

— Cada família tem seu tempo — ele disse enquanto me afivelava em um assento retrátil na cozinha da aeronave. Ele tinha um piercing no nariz. Cabelos lisos e loiros. — Vai por mim, garoto, todo mundo já passou por isso.

Ele até me deixou comer um pacote daqueles salgadinhos de hummus e pita, o que foi legal, levando em conta que eu estava sendo detido.

Assim que pousamos, a Alfândega pegou nossos passaportes e nos escoltou do avião até uma sala de espera no aeroporto. Soraya — minha irmã mais nova — ficava perguntando o que estava acontecendo, e minha mãe só mandava ela ficar quieta.

Nos mandaram sentar e esperar até que fôssemos chamados. Ficamos grudados naquelas cadeiras. Soraya pegou seu celular e um dos seguranças rosnou pra que ela o desligasse. Minha mãe arrancou o aparelho da mão dela. Depois do que pareceu ter sido uma eternidade, um dos funcionários entrou na sala e encarou severamente meu pai.

— Sr. Azadi. Me acompanhe, por favor.

Meu pai não questionou. Só foi. E então, um minuto depois, me trouxeram pra esta sala.

Se eu estive em contato com alguma “organização” em Roma? Meu Deus! Você está achando que eu fugi pra me juntar ao EI, não é? Provavelmente acha que me recrutaram para a filial que eles têm na Itália. Policial, eu não quero subestimar a maldade do mundo, mas aqueles caras nunca aceitariam uma frutinha como eu.

Sinto muito por ter assustado tanta gente naquele avião. De verdade. Queria não ter explodido com os meus pais daquele

jeito, com direito a cuspes, lágrimas e histeria, dentro de um avião. Especialmente sendo, você sabe... De uma certa cor. Mas, no fim das contas, eu prefiro ser interrogado neste aeroporto do que voltar para o armário.

Você me perguntou o motivo da nossa briga, senhor, e pra responder a esta pergunta, tenho que começar bem do começo.

Dez meses atrás

Era o primeiro dia de aula e eu já estava suando na minha cadeira. Como se não fosse tortura o bastante ter que passar pelas boas-vindas aos alunos transferidos, a sala de aula estava quente como um forno. Pelo visto, o ar-condicionado tinha decidido quebrar justamente depois de eu me mudar para o sul dos Estados Unidos.

O representante da turma do último ano se abanava com um envelope de papel pardo na frente da sala. Ele estava prestes a nos apresentar aos nossos “parceiros” – líderes do grêmio estudantil e atletas, é claro, que nos guiariam pela escola.

Observei as pessoas enfileiradas.

O bonitinho não. Qualquer um menos o bonitinho.

O que estava no fim da fila. O de cabelo loiro bagunçado e braços definidos e pele dourada. O que eu tinha medo de chamar de “bonitinho” até mesmo em pensamento, mesmo tendo acabado de fazer isso. Certo, acho que fica melhor assim: *qualquer um menos o da ponta direita, que vai fazer com que eu me sinta ainda mais suado e desconfortável do que já estou.*

Julgando pela forma como estavam comendo o garoto com os olhos, as outras três alunas transferidas para o último ano

definitivamente o queriam como parceiro.

Eu só não entendo toda essa empolgação em torno de pessoas bonitas. Até entendo o motivo delas existirem – para comédias românticas e páginas de revistas – mas é tão estressante ficar perto de gente assim. Quem precisa desse tipo de estresse na vida? Eu não.

Ele não. Qualquer um, menos ele.

Imaginei o Chapéu Seletor sussurrando no meu ouvido. *Ele não, é? Tem certeza?* Sim, seu chapéu pretensioso, tenho certeza. Se você conseguiu livrar o Harry da Sonserina, você consegue me livrar de ter que passar a próxima hora com esse atleta insuportavelmente bonito.

Ele não, ele não, ele não...

O Chapéu Seletor não quebrou esse galho para mim.

Seu nome era Jackson Preacher. Ele olhou diretamente para mim assim que o representante da turma nos apresentou. Quando nos reunimos, o “oi” dele era como dar de cara com um muro de tijolos. Enquanto os “parceiros” de todo mundo faziam perguntas entusiasmadas, Jackson e eu só ficamos parados ali, com a mão no bolso.

Ele continuou travado da mesma forma enquanto me levava até meu armário, passando pelo corredor principal e por todas as salas de aula.

— Aqui é a biblioteca — Jackson resmungou quando passamos pela biblioteca, que estava sinalizada com letras garrafais: BIBLIOTECA.

Ele não tinha muito a dizer e eu também não tinha muito o que perguntar.

Qual era o sentido, afinal? Só mais um ano nesta nova escola e eu iria embora. Esse era um dos motivos pelos quais

eu não havia odiado a ideia de me mudar: o novo emprego do meu pai oferecia um salário bem maior, o que significava que daria para pagar por uma faculdade em outro estado. Em um ano eu estaria em outro lugar bem longe dali. Em um ano eu poderia começar a ser eu mesmo. Esse sempre foi meu sonho, e a única razão pela qual eu não havia sido tão resistente à mudança quanto a minha irmã.

— Bom, é isso. Se precisar de uma mãozinha, é só me chamar — Jackson disse ao fim do passeio pela escola, bem quando presumi que ele passaria a usar seu direito divino de atleta para me ignorar pelo resto do ano.

Eu torci o pescoço.

— Sério? — Ele não me parecia o tipo de cara que oferece uma mãozinha. — Posso mesmo te chamar?

Jackson desviou o olhar e deu de ombros.

— Eles te obrigam a dizer isso, né? — perguntei.

Ele confirmou.

— Faz parte do roteiro.

— É melhor seguir o roteiro, então — falei e, do nada, Jackson soltou uma daquelas gargalhadas barulhentas.

Então nós meio que arregalamos os olhos e observamos em volta, porque aquela conversa não fazia parte do *nosso* roteiro.

Jackson passou os dedos pelo cabelo ondulado. Alguns dias seu cabelo era loiro escuro, em outros era castanho. Lembro que, naquele dia, era loiro.

Perguntei se ele achava que eu ia me encaixar naquela escola nova. Jackson não respondeu, na real; ele estava encarando o estacionamento atrás de mim. Meus olhos estavam vidrados na entrada da escola atrás dele. Depois nós chegaríamos a brincar que, no dia em que nos conhecemos,

estávamos na verdade em uma competição muito séria para decidir quem era melhor em não olhar para o outro.

— Tudo bem — eu disse, depois de um longo silêncio. — Eu não me encaixo em lugar nenhum, pra falar a verdade.

Jackson sorriu – e eu roubei na nossa competição. Dei uma olhada rápida nele. De alguma forma, ele sabia. Havia encontrado outro deslocado. Caíamos como uma luva um para o outro, Jackson Preacher e eu. Nós combinávamos como macarrão e vinho, futebol e cerveja barata.

Eu era o macarrão e o vinho. Ele era o futebol e a cerveja barata.

Naquele primeiro semestre, Jackson e eu existimos em mundos completamente diferentes. Mesmo quando nos cruzávamos, a gente nunca se falava de verdade. Ele girava em torno da estratosfera de atletas e alunos populares; eu tentava passar despercebido. Não fazia sentido ter que passar por toda a acrobacia social de fazer amigos quando eu passaria apenas oito meses naquela escola.

Ainda assim, continuávamos com a competição de não se encarar nos corredores todas as vezes que passávamos um pelo outro. Algo havia ficado no ar entre nós dois desde o primeiro dia, e seria necessário um abalo sísmico para trazer aquilo à tona.

O abalo sísmico aconteceu logo depois do Dia de Ação de Graças, quando o time de futebol americano da escola perdeu o último jogo da temporada. Eu estava dirigindo para casa depois da partida e parei em um mercado 24 horas para comprar batatas chips de sal e vinagre quando vi Jackson amuado no estacionamento. Pensei em passar direto e entrar na loja fingindo que não o vi. Mas seu rosto estava coberto de

manchas de terra. Um rio de lágrimas secas descia pelas suas bochechas. Ele estava vulnerável.

— Precisa de uma mãozinha? — perguntei.

Ele levantou a cabeça, viu que era eu e começou a rir.

— Era eu que deveria te oferecer uma mãozinha — Jackson disse, enxugando uma lágrima do rosto.

— Dane-se o roteiro — respondi.

Ele me olhou de um jeito diferente depois que aquelas palavras saíram da minha boca. Não sei qual foi a mão invisível que me deu o empurrão que eu precisava para respondê-lo de forma tão sagaz naquela noite, mas essa será para sempre a melhor e a pior decisão que eu tomei no ensino médio.

Confortei Jackson naquela noite, no gramado da esquina do estacionamento. Lembro que seu cabelo estava escuro e suado. Não sei por quanto tempo conversamos, mas sei que pude enxergar Jackson em todas as suas multitudes. Eu o enxerguei loiro e moreno, durão e sensível, um cara que jogava futebol americano, mas talvez, apenas talvez, jogasse no outro time também.

Quando caminhamos juntos até seu carro, ele colocou a mão no meu ombro e o apertou com firmeza.

— Lembra o que você falou quando a gente se conheceu — ele começou, falando baixo. — Sobre não se encaixar em lugar nenhum?

Meus olhos se espantaram. Olhei diretamente para ele, para seus olhos verdes, e ele me encarou de volta.

— Eu me sinto desse jeito também.

E, bem ali, o mundo mudou.

Queria poder voltar para aquela pequena rachadura no universo, aquele espaço livre de culpa onde eu desejava apenas

o toque de Jackson Preacher e nada mais. Uma semana depois, eu estava sentado no banco de passageiro do carro dele, tamborilando meus dedos suados. Eu estava quieto. Jackson estava quieto. O rádio murmurava baixinho alguma música pop. Depois ele chegou a me dizer que estava esperando que eu desse o próximo passo, já que, de certa forma, eu havia dado o primeiro, mas eu não tinha mais passo algum dentro de mim. Quando ele finalmente repousou a mão na minha perna trêmula e se inclinou para me beijar, eu me afastei. Aquilo realmente deixou Jackson assustado. Parecia que ele queria morrer bem ali na minha frente. Mas eu precisava daquele segundo, daquele momento congelado no tempo, para me despedir da minha vida antiga. Do mesmo jeito que você precisa dar uma última olhada na sua casa depois que toda a mudança já está encaixotada. Aquilo era tudo que eu precisava. Um segundo. Quando meus lábios finalmente tocaram os dele, eu juro, pude sentir nós dois soltando o ar.

Jackson me ensinou a respirar. Um método especial de respiração que também envolvia se afogar, porque, cara, como o beijo dele era molhado.

Eu estava tão feliz entre o Dia de Ação de Graças e o meio de março, quando tinha Jackson para mim e nada além dele. Eu deveria saber que Ben e Jake farejariam minha felicidade como um tubarão farejando sangue.

Ben e Jake tinham me escolhido como alvo desde o primeiro dia na escola nova. Assim como aquelas abordagens “aleatórias” em aeroportos, eles me escolheram sem nenhum motivo específico. Eu era marrom e estava ali.

Certa manhã eles desviaram do caminho rotineiro até o refeitório e me abordaram quando eu estava no meu armário. Ben segurou um celular na frente do meu rosto.

— A gente sabe qual é a sua, Jihadi — Jake disse, apontando para uma foto na tela do celular.

Olhei de perto e, quando percebi o que era, tentei pegar o aparelho da mão dele. Jake segurou meu pulso.

Era uma foto de Jackson me beijando no carro dele.

— Você não vai querer que a gente espalhe seu segredinho de bicha pela cidade inteira, né, Amir Bin Laden? Não pegaria bem para a sua gente — Ben disse, se inclinando para chegar mais perto.

Aquelas palavras me acertaram com tanta força que mal consegui registrar o fato de que eles haviam seguido Jackson e eu até o estacionamento onde a gente ficava quando nossos pais estavam em casa. Eu mal consegui olhar direito para a foto. É difícil ver uma imagem como aquela, o rosto do primeiro garoto que você beijou, sem imaginar o olhar bizarro de dois garotos que poderiam te chantagear com o detalhe mais íntimo da sua vida.

— Mil dólares da sua fortuna da Wiki e a gente não mostra essa merda para os seus pais — Jake disse.

Ele cutucou Ben, que confirmou. Olhando para eles, percebi que não estavam brincando: eles realmente acreditavam que eu era um “milionário da Wiki”.

É o seguinte: eu realmente levo a Wikipédia *muito* a sério, a ponto de já ter recebido propostas para editar páginas por dinheiro. Tudo começou no segundo ano do ensino médio, quando a mãe de um amigo queria contratar um editor de Wikipédia para fazer uma página para a marca de moda íntima

dela. Meu amigo comentou “Amir!!” na postagem do Facebook e o resto é história. Eu não aceitei aquela oferta, nem nenhuma das outras que vieram depois. Artigos pagos são estritamente proibidos nos termos de uso da Wikipédia. Mas quando Ben e Jake me pegaram na biblioteca editando a página de *The Real Housewives of New Jersey*, achei que não faria mal *fingir* que eu recebia para fazer aquilo. É muito mais legal dizer “Faço isso por dinheiro” do que “Faço isso porque acho o poder da contribuição coletiva pela democratização da informação uma coisa supersexy”.

Eu não tinha o dinheiro que eles queriam. Implorei para que Ben e Jake acreditassem em mim, mas eles se recusaram. Especialmente Jake. Ele estava estranhamente insistente nessa coisa toda. Como se estivesse se agarrando desesperadamente nessa fantasia de que eu era de fato um milionário da Wikipédia.

Quando me dei conta do que havia acontecido, não foi como uma explosão dentro mim, e sim como um desabamento constante.

Toda a atenção meticulosa que eu havia dedicado a planejar como ia me assumir para meus pais, todos os anos que passei no armário sabendo que eu deveria me assumir do jeito certo: *puf!* Como poeira ao vento. Ben e Jake foram muito claros: se eu não entregasse o dinheiro em um mês, estaria fodido.

Havia mais uma condição.

— Nada de ir contar para o seu namoradinho gay sobre o nosso acordo — Ben acrescentou. — Se alguém ficar sabendo disso, essa merda vai direto para os seus pais.

Ben e Jake demoliram a fortaleza que passei anos construindo para proteger meu segredo.

Quando se é gay, você cresce fazendo muita matemática mental. Seu cérebro é basicamente um grande placar de pontos nas cores do arco-íris, registrando cada coisinha que seus pais dizem – os comentários cotidianos, o jeito como reagem a dois homens de mãos dadas no shopping ou ao último comercial da Nike com um casal *queer*. Você marca pontos para cada acontecimento. Positivos ou negativos. Chega uma hora em que você soma todos os pontos – e, acredite, nenhum é esquecido – e, com base na pontuação final, você decide como vai planejar sua saída do armário.

+1: Mãe assiste Ellen DeGeneres e não torce o nariz quando a Ellen fala sobre sua esposa, Portia.

-1: Mãe é professora na escola islâmica do bairro.

-5: Quando um dos alunos pergunta sobre casamento gay, mãe explica que casamento é entre homem e mulher.

-20: O cinema exhibe um trailer de uma comédia romântica gay e pai diz que aquilo é doutrinação ideológica.

-2: Mãe fecha a cara para o mesmo trailer.

-1.000.000: Somos muçulmanos.

Para ser sincero, eu não conseguia visualizar um mundo em que minha saída do armário não fosse caótica. Apesar dos pontos positivos e negativos, havia comprado a ideia que todo mundo tem de que muçulmanos e gays são tão incompatíveis quanto os Amish e produtos da Apple. Queria poder dizer que eu era melhor do que isso, que eu ignorava o estereótipo. Mas, quando sua segurança depende de o estereótipo ser verdadeiro ou não, não dá para ser corajoso. Eu não ia apostar minha

felicidade no fato de que minha mãe assistia a um programa de auditório apresentado por uma lésbica.

Mas nada daquilo importava. Minha felicidade dependia de uma dupla de babacas gananciosos e seu esquema de chantagem. Eu tinha quatro semanas e duas opções: desistir e entregar o dinheiro a eles ou me assumir para os meus pais.

Primeira semana: eu estava surtando internamente. Me enfiei em um buraco no meu quarto. Parei de enviar mensagens para o Jackson. Ele me confrontou certa tarde no estacionamento.

— Amir, o que foi?

Lembro de observar a silhueta dos seus ombros largos, as pontas do cabelo loiro que ele se recusava a cortar. Eu não conseguia olhar nos olhos dele – era nossa competição de não se encarar, tudo de novo – porque tudo que eu conseguia enxergar naqueles olhos era aquela foto estúpida da gente se beijando, piscando na minha frente como uma placa de neon.

— Se aconteceu alguma coisa você pode me contar — Jackson disse.

Ele estava claramente nervoso por ser visto falando comigo. Mesmo com todo o tempo que passávamos juntos no carro dele, a gente mal se falava na escola.

— Não é nada, Jackson.

— Foram os seus pais? — Ele deu as costas para o campo de futebol, estufando o peito. — Se estiver acontecendo alguma coisa, eu quero...

— Não, você não quer — rebati. — Você não quer ajudar. Eu só preciso de espaço.

Segunda semana: as coisas só pioraram. Comecei a receber respostas das faculdades em que me inscrevi. As cartas de

rejeição pingavam na minha caixa de entrada, uma após a outra: NYU, Columbia, Northwestern, Georgetown, Boston College, George Washington. Era como um funeral longo e arrastado, principalmente com os meus pais. Eles ficaram muito calados e geralmente só reagiam com suspiros e acenos de cabeça com os lábios cerrados. Em pouco tempo me dei conta de que não havia arruinado apenas o meu futuro; eu também havia arruinado o Sonho Americano deles.

Eu também estava com raiva. Era para a faculdade ser minha luz no fim do túnel – quando eu finalmente poderia me assumir para meus pais em segurança, com uma certa distância entre nós. Eu contava com a possibilidade de que alguma daquelas faculdades seria minha escapatória. Com exceção das duas instituições em que me inscrevi só por segurança, todas as outras haviam me rejeitado.

Voltei para dentro da minha concha. Fiquei quieto em casa. Quietos na escola. Quando a terceira semana chegou, a chantagem voltou a martelar minha cabeça constantemente. Eu tinha menos de sete dias e as mesmas duas opções: conseguir o dinheiro ou me assumir. Como eu não tinha condições de decepcionar meus pais mais ainda, decidi me render às ordens de Ben e Jake. Mas, depois de fazer o trabalho sujo na Wikipédia e dar o dinheiro para eles, recebi uma mensagem só do Jake: ele queria mais três mil dólares, desta vez até o dia da formatura. Aquele desgraçado.

Pensei em me assumir para os meus pais. Ficava pensando constantemente naquele placar mental, mas eu simplesmente não conseguia encontrar um jeito de fazer as contas funcionarem. Sempre que eu abria a boca para tentar, eu falhava.

Toda vez que eu tentava colocar só um pouquinho para fora — testando o clima com qualquer comentário que desse a entender que gosto de garotos —, eu amarelava. Já era difícil o bastante ter que pisar em ovos a vida inteira por causa de um segredo como aquele. É exaustivo o sentimento constante de que talvez você não esteja seguro ao lado da sua própria família. Meus pais já estavam me olhando de um jeito diferente por causa de todas as faculdades que me rejeitaram; se eu contasse que sou gay, deixaria de ser o filho deles. Me tornaria um estranho que eles perderam tempo criando.

Uma semana antes da formatura, minha família estava sentada à mesa de jantar quando o telefone tocou. Minha mãe atendeu e então passou para mim.

— Amir, é pra você.

— *Ameeeeer*. — Era o Jake. Meu coração acelerou quando escutei sua voz asquerosa ao telefone. — Gostei do sotaque da sua mãe — ele debochou. — Tão exótico.

Subi as escadas correndo até meu quarto. Fechei a porta. Minha boca estava tão seca que mal conseguia falar.

— Por que você está me ligando?

— Algo me diz que a sua mãe não aprovaria sua outra vida, *Ameer*.

O jeito como Jake disse meu nome, imitando o sotaque da minha mãe, era como se ele tivesse acabado de descobrir uma nova arma para me torturar.

Então ele foi direto ao ponto, exigindo saber quando eu entregaria o dinheiro. Queria ter sido corajoso e mandado ele me deixar em paz... Mas pensei na minha família lá embaixo, o jantar tranquilo que estávamos tendo. Me joguei na cama,

enfiando a cabeça no travesseiro. Tudo que eu conseguia pensar era: *Não posso fazer isso.*

Depois daquela noite, aceitei que não existia nenhum universo onde eu seria capaz de me assumir. Tentei conseguir o dinheiro. Tentei de verdade. Sentei a bunda na cadeira e entrei em contato com todas as pequenas empresas ou subcelebridades que já haviam me mandado e-mails sedentos por uma página na Wikipédia, mas, no fim das contas, ainda faltavam mil dólares. Dois dias antes da formatura, quase mandei uma mensagem para Jake perguntando se dois mil – dois mil dólares! – seriam o bastante. Mas antes de apertar o botão de enviar, tive um estalo. Uma ideia nova, uma terceira opção que eu ainda não havia considerado.

Desaparecer. Só por um tempo.

Eu sabia que a ideia era ridícula. Na verdade, tão ridícula que a fantasia de faltar à formatura e ir para outro lugar me confortou por cinco segundos. Foi a maior calma que senti em meses.

E então a ideia continuou na minha cabeça. E, quanto mais eu pensava no assunto, em simplesmente me retirar dessa bagunça até que as coisas sossegassem, menos ridículo parecia. Você não fica parado do lado de uma bomba que está prestes a explodir. Você corre.

Na manhã da formatura, eu estava hiperventilando no meu carro, estacionado na porta da garagem, com uma mala feita ao meu lado, no banco de passageiro. *Então é isso*, eu continuava pensando. Não conseguia acreditar que estava seguindo em frente com aquela ideia insana. Mas, em algumas horas, Jake ia contar meu segredo para meus pais no meio da formatura. No dia anterior, ele já havia me dito que faria dessa forma.

Já eu, estaria em um avião a milhares de metros de altura no céu. A salvo. Eu teria espaço. E, quando eu pousasse, teria a resposta mais importante da minha vida: saberia se minha família ainda me amava ou não. Se a resposta fosse sim, eu voltaria para casa.

E se fosse não – bom, eu estaria bem longe, como sempre planejei.

Quando finalmente comecei a dirigir, senti o choque entre minhas duas identidades mais forte do que nunca. Iraniano. Gay. Sempre existiu um muro separando meus dois lados para que eles nunca se encontrassem. De um lado, havia Jackson. Do outro, minha família. Em breve o muro cairia.

Respirei fundo. E então observei minha casa pelo retrovisor ficando menor e menor, até desaparecer.

Sala de interrogatório 37

Amir

Aquele era o plano inicial. Eu só queria ir pra Nova York. NYU e Columbia eram duas das minhas faculdades dos sonhos, e eu achei que conseguiria fugir enquanto Jake sequestrava minha saída do armário. Você precisa entender que eu estava esperando pelo pior, e, se meus pais não me quisessem de volta, eu poderia começar uma nova vida em Nova York.

Roma nunca foi parte do plano inicial.

Se eu mantive contato com o Jackson desde que saí dos Estados Unidos? Sim e não. É complicado. Não acredito que vou mesmo te dizer isso, mas ainda me pergunto se eu amei o Jackson. Sei lá. Essa palavra sempre foi muito delicada entre a gente. Muita coisa era delicada entre a gente. Tudo que eu sei é que nós dois nunca acreditamos que ficaríamos juntos. Nunca acreditamos em um futuro pra “nós” da mesma forma que acreditávamos em um futuro em que, algum dia, eu poderia ser Amir... e o Jackson poderia ser ele mesmo também.

Você está me olhando como se nada disso fosse relevante pra explicar a briga no avião, mas é. É a bagagem. Vocês não são especialistas em inspecionar bagagens?

Desculpa, eu não deveria ter dito isso. Só estava tentando enfatizar, com essa minha história longa, que, no fim das contas, tudo tem a ver com o Jackson. Se eu nunca tivesse conhecido

Jackson, eu não estaria aqui. Consigo desenhar uma linha reta que conecta nosso primeiro beijo a este momento, sentado nesta cadeira, morrendo de medo de ver as pessoas que estão atrás dessa parede. Pra ser sincero, tenho mais medo de falar com eles do que com você.

Sala de interrogatório 38

Soraya

Meu nome é Soraya Azadi. Tenho treze anos.

Meu irmão, Amir, estava desaparecido havia um mês. Ele desapareceu na manhã da formatura dele no ensino médio.

Se eu notei algo diferente ou fora do normal com o Amir antes de ele desaparecer? Se ele estava conversando com alguém suspeito? Bom...

Mãe, não me olha assim. Amir está na sala ao lado, e eu tenho certeza de que ele está dizendo a verdade. Ele não tem motivo algum pra sentir vergonha. Desculpa, policial, eu não quis perder a paciência. Só estou um pouco irritada, só isso. Não acho justa a maneira como a minha família foi empurrada pra essas salas. De verdade, não acho justo. Tentei gravar a coisa toda lá na sala de espera, mas minha mãe me mandou guardar o celular.

Tudo foi apenas um mal-entendido. Fico feliz que você também pense assim.

Claro. Posso contar tudo. Quanto tempo você acha que isso vai levar? Já perdi dois ensaios para o musical de verão, e se eu perder o de hoje à noite, eu... minha mãe está me olhando daquele jeito de novo. Ela acha que estou falando demais. É engraçado, eu sabia que ela ia ficar assim quando você me pediu pra falar primeiro. Está vendo a expressão dela? Vou interpretá-la pra você: Soraya, cuidado com o que você fala. Soraya, nós

somos iranianos. Resolvemos esses assuntos entre nós, Soraya. *Se ela fosse responder sua pergunta, ela diria que não, nós não notamos nenhum sinal de que Amir fugiria. E ela estaria dizendo a verdade. Pela perspectiva dela, estava tudo bem. Na cabeça dela, nunca há nada de errado.*

Não, mãe, deixa eu falar! O que a expressão dela deveria estar dizendo é: Soraya, obrigada. Soraya, se não fosse por você, nós não teríamos encontrado seu irmão e trazido ele de volta.

Me deixe explicar.

Sala de interrogatório 39

Afshin Azadi

Antes de prosseguir, me deixe esclarecer uma coisa. Vocês estão interrogando meu filho em uma sala, correto? E minha esposa e filha estão juntas em outra sala. E vocês me deixaram sozinho aqui – e eu acho que sei o motivo de ter sido colocado em um lugar separado. Lá no fundo, eu sei. E pelo jeito como você me olha, acho que você sabe também. Essa não é minha primeira vez em uma salinha como esta aqui.

Muito bem.

Não, não tenho mais nada a declarar.

Trinta e um dias atrás

Quando pousei no Aeroporto JFK na manhã da minha formatura, me senti seguro. Eu estava a um mundo de distância do pesadelo que seria o fim do ensino médio. E, acima de tudo, estava longe de Jake e de toda a confusão que ele estava prestes a causar para a minha família.

Contrariado, me obriguei a olhar meu celular. Àquela altura, a formatura já teria acabado. Imaginei toda uma cena, como se eu tivesse jogado uma granada, corrido para longe e, agora, estivesse conferindo se a explosão deu certo ou se foi um alarme falso.

Permaneci sentado na poltrona apertada do avião. Meu celular ainda não havia se conectado à rede. Balancei o telefone. Levantei o braço e o segurei no alto.

Finalmente, as barras de conexão apareceram no canto da tela. Eu tinha sinal. E lá estavam elas: quinze mensagens, todas da minha mãe, do meu pai e da minha irmã. Conferi as chamadas perdidas. Cinco novas mensagens na caixa postal. Voltei para as mensagens e comecei a ler. *Amir, cadê você? Amir, está tudo bem? Amir, por que você não está atendendo o telefone? Amir, por que você não está em casa? Aonde você foi? Por favor, responda e nos diga que está tudo bem.*

*image
not
available*

Quando finalmente saí do avião, liguei para eles.

— Amir? — minha mãe disse, freneticamente. — Ah, Amir. Nós estávamos tão preocupados!

— O que você tem na cabeça? — meu pai entrou na conversa. — Onde você está?

— Desculpa. Desculpa. Posso explicar — eu disse enquanto andava pelo corredor longo do aeroporto, passando por uma loja de conveniência. — Eu só fiquei com medo...

— Medo de quê? — Meu pai perguntou.

Meu coração parou. Fiquei de pé em frente aos banheiros fedidos do aeroporto, no meio das entradas para o masculino e o feminino. Eu estava confuso.

— Vocês ainda estão na formatura? — perguntei.

— Não. Te procuramos depois da cerimônia, mas você não estava lá.

Pensei nas próximas palavras com muito cuidado.

— Vocês conversaram com algum colega de classe...

— Nós perguntamos pra alguns colegas se eles sabiam onde você estava — meu pai disse. — *Joonam, azizam*, o que há de errado?

Minha vida, querido. Sempre que eu ficava triste, meu pai pegava pesado com expressões carinhosas em persa.

— O que aconteceu? — ouvi minha irmã perguntando ao fundo.

— Onde você está, Amir? — minha mãe perguntou.

Eu estava surtando. Ao telefone, meus pais pareciam preocupados de verdade. Parecia que me amavam. Aquilo fez com que eu me sentisse ainda mais uma farsa.

Um anúncio tocou nos alto falantes: “Bem-vindos ao Aeroporto Internacional de Nova York...”

*image
not
available*

Sala de interrogatório 38

Roya Azadi

Senhora, antes de prosseguirmos, por favor, me permita pedir desculpas pelo comportamento assombroso do meu filho naquele avião. Eu garanto que foi algo completamente fora do comum e não há nada com que se preocupar – apenas um assunto de família. Por favor, permita-me também pedir desculpas em nome da minha filha. Entendo seus motivos para querer falar com ela, e agradeço por ter me deixado ficar na mesma sala que ela durante o interrogatório. É que ela ficou muito sensível com os acontecimentos do último mês, depois do desaparecimento do irmão. Não foi, Soraya? Veja só, ela está revirando os olhos agora porque não gosta que eu fale por ela. Qual adolescente gosta, não é mesmo?

Minha bolsa? Sim, claro que você pode revistar. Aqui.

Todos esses frascos são de álcool em gel. Posso garantir, todos têm menos que... ah, não, esse daí, sim, esse tem mais de cem mililitros. Sinto muito. Estava em promoção na farmácia do aeroporto, e eu não sabia que...

Esse é o meu celular. Precisa da senha? Claro. Soraya, por favor, se acalme. Está tudo bem.

Essa é uma foto minha com meus alunos. Postei no Instagram no fim do ano letivo. Sou professora em uma escola persa e uso o

*image
not
available*

lugar. A gente ligou pra ele, mas só dava caixa postal. Meus pais estavam realmente muito preocupados. Onde ele podia ter se metido, sabe?

Quando ele finalmente retornou a ligação, meus pais ficaram aliviados pra caramba. Parecia que alguém havia dito que eles ganharam um milhão de dólares. Sem brincadeira: minha mãe literalmente pulou e bateu palmas quando viu que era ele quem estava ligando. Mas aí eles descobriram que Amir estava no aeroporto e, do nada, ele desligou na nossa cara. Meu pai ficou supercalado. Dava pra perceber que ele estava pensando na última vez que Amir fugiu de casa, dois anos antes. “Droga!”, ele disse de repente. “O que eu falei de errado dessa vez?” E então ele olhou pra mim e sorriu. “Não se preocupe, joonam. Seu irmão vai voltar pra casa.”

A casa estava tão silenciosa na primeira noite sem o Amir. Escura, vazia, morta. Quando eu era pequena, sempre imaginava a morte como andar no escuro. Eu sei, eu era muito dramática naquela época. Uma bebêzona. Lembra, mãe? Quando eu corria para o seu quarto e dormia entre você e o papai porque estava assustada? Só pra deixar claro, eu não faço mais isso, policial.

Na manhã seguinte, perguntei para os meus pais se eles iam ligar para a polícia, pra começarem uma busca pelo Amir. A gente tinha acordado muito cedo, ainda estava escuro lá fora. Meus pais estavam encostados no fogão tomando chá nas suas xícaras de cristal. Eles me olharam com um sorriso amarelo e disseram pra eu não me preocupar.

Não, mãe, foi exatamente isso que vocês disseram. No seu mundinho dos sonhos, o Amir ia voltar pra casa por conta própria, assim como da última vez. E depois, no seu mundinho

*image
not
available*

Corri para o lado de fora, em direção à rua. Lá estava eu: Via della Gensola. Paredes cobertas de musgo. Chão de paralelepípedos. Um casal passou zumbindo em uma Vespa, e meu olhar acompanhou os dois conforme eles pararam no fim da rua e se beijaram por alguns segundos antes de desaparecer dentro de um restaurante. Foi a coisa mais italiana que já vi.

Corri de volta para o apartamento. Entrei com tudo no banheiro minúsculo, quase destruindo o antigo sistema de aquecimento de água, e me olhei no espelho. Olhos vermelhos. Olheiras escuras abaixo deles.

Olhando para mim mesmo, naquele momento, eu soube: *Você foi longe demais desta vez, Amir.*

Apesar da janela pequena, observei o céu escurecer lá fora. Ouvi o barulho das panelas e frigideiras em algum andar abaixo do meu. Escutei sinos tocando. Senti o cheiro de cebola e alho sendo refogados. Havia algo libertador em estar a milhares de quilômetros de distância dos meus problemas. Não os apagava por completo, mas a distância ajudava. Sempre ajuda.

Decidi que devia aos meus pais pelo menos uma explicação mínima. Então escrevi um e-mail para eles: *Mãe e pai, por favor, não me odeiem. Estou lidando com muita coisa agora, mas quero que vocês saibam que estou seguro. Prometo que estou seguro e estou bem. Só precisava me afastar um pouco por alguns dias.* Fechei minha caixa de entrada logo depois de clicar em “enviar”.

Acordei na manhã seguinte com o cheiro de pão fresco e ovos fritos invadindo o ar pela janela aberta. O som de panelas e frigideiras ainda estava lá, mas agora havia pássaros cantando também. E a luz do sol. A gloriosa, gloriosa luz do sol. Sorri pela primeira vez em dias. E tive meu primeiro pensamento

*image
not
available*

encontrar o buraco da fechadura. É de cair o queixo. Tipo, você vai ter a vista mais incrível da Basílica de São Pedro.

Ele também escreveu algumas recomendações de bares e restaurantes.

— Você já tem idade pra beber? — ele perguntou.

— Eu não... sei — respondi.

O que comecei a dizer foi *eu não bebo*, mas aquilo não era verdade. Não depois do último ano da escola.

— Aqui você pode beber aos dezoito anos — o livreiro disse, brincando com a caneta na ponta dos dedos e, naquele momento, ele parecia um mágico. Totalmente Cedrico Diggory. — Não dá pra acreditar que nos Estados Unidos a maioria ainda seja vinte e um.

Eu costumava acreditar de verdade que nunca beberia nada alcoólico. Meus pais não bebiam e eu tinha parentes que diziam que álcool é veneno, então eu achava que tinha a cabeça feita em relação a isso. Mas Jackson me fez mudar de ideia sobre álcool, e sobre outras coisas também.

— Nesse caso, já tenho idade pra beber — eu disse ao livreiro.

Ele começou a escrever mais uma coisa, mas acabou rabiscando por cima.

— Se você pudesse ficar um pouquinho mais... — ele disse. — Meu parceiro acabou de abrir um bar... Bom, um bar não, uma associação cultural, e a inauguração oficial é daqui a dois dias.

— Seu parceiro! — eu gritei, como o idiota que sou.

— Sim... — ele disse, me olhando ressabiado.

Então ele anotou mais um lugar e perguntou se eu já tinha ouvido falar sobre Pigneto — “É como o Bushwick de Roma” —

*image
not
available*

Sala de interrogatório 37

Amir

Sim, eu adoraria um copo de água. Sabe, policial, o senhor não é nem de perto tão intimidador quanto achei que seria. O que é meio zoadado, se você parar pra pensar.

*image
not
available*

— Fui em uma livraria hoje mais cedo e o livreiro me recomendou este lugar — eu disse. — Bom, pra ser mais específico, ele me recomendou você.

— Você conheceu o Neil! Ah, eu amo o Neil — Jahan disse. — Ele é a pessoa mais querida do mundo.

— Meu Deus, ele é *legal* também?

Jahan riu enquanto enchia uma tulipa alta de cerveja para mim.

— Meus parabéns. Você descobriu que o céu é azul — ele disse.

Fiquei com vergonha, sabendo que Jahan já havia sacado que achei Neil atraente, e bebi um longo gole. Fui positivamente surpreendido com o gosto, que era muito melhor do que a cerveja quente do Jackson.

Jahan continuou cuidando do bar, cantarolando a música ambiente que estava tocando.

— Que música é essa? — perguntei.

Ele me olhou como se eu fosse um alienígena.

— Você não conhece Nina Simone?

— Esse é o nome da música?

Jahan ficou de queixo caído. Ele virou para as duas mulheres sentadas e jogou os braços para cima.

— Um caso perdido! Esse garoto é um caso perdido! Ou ele tem menos de vinte e cinco anos ou é um hétero incorrigível.

Minhas orelhas queimaram, e meu instinto natural mandou que eu ignorasse aquele comentário. Quer dizer, durante toda a minha vida, até mesmo a piadinha gay mais insignificante era capaz de mexer comigo e me deixar em estado de alerta. Mas então me dei conta de que eu não precisava ignorar a piada de Jahan. Eu não precisava ficar sem jeito.

*image
not
available*

noite, então Jahan me fez terminar aquele copo e bebemos algumas doses de um licor chique. Licor não. *Liqueur*. Eu nunca havia escutado essa palavra antes. Com certeza eu não saberia soletrar. Jahan quis me ver tentar.

— L-I-C-O...

— Errado! — ele gritou. Mais um gole.

— L-I-C-U... O.

— *Errado!* — ele disse mais uma vez, se divertindo. Outra dose.

— Eu não deveria ter permissão pra continuar bebendo essa coisa se eu não consigo nem soletrar o nome — eu disse, arrastando as palavras.

— Não sou eu quem faz as regras — Jahan disse.

Nós saímos do bar às cinco da manhã. Enquanto observava Jahan passar a chave pela fechadura enferrujada, me dei conta de que se eu estivesse em casa, estaria sozinho no meu quarto, me sentindo – qual é o oposto de bêbado? Sóbrio. Eu estaria tão sóbrio.

Não havia uma alma viva na rua enquanto caminhávamos. Mas o jeito como ela estava iluminada – com uma luz quente, cheia de ondas de laranja e amarelo, convidativa para tudo e todos – fez com que eu me sentisse mais vivo do que nunca. Algo puxava meu peito, como se eu tivesse sido aceito em uma sociedade supersecreta.

Jahan perguntou onde eu estava hospedado e fiquei sóbrio rapidinho, lembrando que meu checkout no Airbnb estava marcado para aquele dia. Conteí a localização, esperando que ele me apontasse para a direção correta. Mas acabou que Jahan morava na esquina seguinte. Ele se ofereceu para me acompanhar. Eu sorri. Depois de passar os últimos dias –

*image
not
available*

Em muitos aspectos, eu tenho sorte. Sei disso. Tenho o privilégio de existir em um momento em que está tudo bem ser diferente. Minha geração *abraça* a diversidade. Mas às vezes, quando sinto que minha família não entende, que não *consegue* entender quem eu sou... Eu queria ser diferente de outro jeito.

— Amir... *Joonam, azizam...*

O sistema de pontos só é necessário quando você é diferente da sua família. Ser iraniano e muçulmano é uma coisa – que já vem com seus próprios desafios –, mas ao menos essa é uma batalha que minha mãe, meu pai, Soraya e eu enfrentamos juntos. Lidamos com os mesmos comentários babacas, os mesmos olhares, os mesmos estereótipos. Mas, quando você é gay, sua família não é mais tão diferente quanto você. Eles não compreendem. E, para piorar, talvez te odeiem por causa disso. A família que te viu nascer – as pessoas que deveriam te amar incondicionalmente – podem te odiar.

— Amir — minha mãe gritou. Ela estava ficando ainda mais frustrada. — Chega! Isso é americano demais da sua parte. Essa coisa toda de fugir é americana demais. Vem pra *casa*.

Foi a mesma coisa que meus pais falaram sobre gays, certa vez quando o assunto surgiu durante o jantar: “Isso é coisa de americano. Faz parte da cultura deles. Não da nossa.” Lembro de ficar sentado em silêncio enquanto Soraya discutia com eles e de sentir meu coração afundando dentro do peito.

Eu costumava dizer para mim mesmo que, se tivesse nascido em uma família legal, liberal e *americana*, nada disso seria um problema. Eu não precisaria de uma vida dupla. Eu poderia ser eu mesmo.

*image
not
available*

Vinte e oito dias atrás

Eu tinha que fazer o checkout do Airbnb naquele dia. Acordar foi um sacrifício, não apenas porque minha cabeça pesava feito uma bigorna, mas porque as lembranças da ligação com meus pais estavam todas embaralhadas. Eu só sabia que: não tinha dado muito certo, eles ainda não sabiam e eu não voltaria para casa.

Depois de arrumar a mala, fiquei parado do lado de fora, na Via della Gensola, a pequena rua com peitoris feitos de argila, motocicletas estacionadas contra as paredes e sussurros de conversas em italiano flutuando pelas janelas. Qual seria meu próximo passo?

Matei tempo em Roma por algumas horas. Em um café. Em alguns degraus. E então me lembrei: Jahan morava perto. Eu poderia pedir conselhos para ele – perguntar se eu deveria continuar em Roma ou o que eu deveria dizer aos meus pais. Ele parecia saber de tudo e já havia estado na mesma situação que eu, ou pelo menos quase, com seu pai iraniano.

Eu lembrava que o prédio de Jahan ficava de frente para um café que também era uma galeria de arte em Trastevere – “Gosto de observar as obras de arte pela minha janela”, ele havia dito na noite anterior. Eu não sabia qual era o apartamento certo, então interfonei para todos. Passei por

*image
not
available*

Olhei ao meu redor, observando freneticamente as estátuas antigas e navios em miniatura espalhados pela sala. Era um mistério que aquele lugar não tivesse ar-condicionado. Minhas axilas estavam ensopadas e a palma das minhas mãos estava grudada. Eu estava queimando e me sentindo exposto. Não queria mais participar da conversa, queria ir embora. Mas também queria saber quem era esse tal de “talentoso” Ripley e se aquilo era um elogio. Mais uma referência que eu não conhecia. Eba!

Mas uma frase mágica me atingiu como tinta acertando uma tela em branco: *Somos seus amigos*, Jahan havia dito, como um fato simples e direto. Era assim que funcionava com os gays? Será que sentir atração por outros homens era, de certa forma, o bastante para dar início a uma amizade? A uma experiência compartilhada que nos uniria instantaneamente para todo o sempre? Naquele momento, pareceu que sim. Parecia que aquelas pessoas haviam me aceitado no grupo por nenhuma outra razão que não fosse essa. E, nesse caso, era totalmente possível que eles entendessem o motivo de eu ter mentido. Jahan, Neil e Giovanni – eles entenderiam o porquê de eu ter vindo para Roma.

Decidi contar a verdade.

— Era pra eu ter me formado no ensino médio esta semana — contei. — Mas, em vez disso, acabei fugindo de casa porque... — Eles formaram um círculo ao meu redor, se aproximando como se estivessem prestes a ouvir um segredo. — Porque... — Fiquei nervoso.

Minha mente listou todas as merdas que eu teria que explicar: Jackson. A chantagem. Meus pais. Teria que explicar meu sistema de pontos, a tabela, a cultura. E, de repente, me

*image
not
available*

piscina –, mas ele não foi. Ele disse: “Deixa pra lá, não vale a pena. Eu te dou esse dinheiro”. Mas um dos garotos da vizinhança, Junior, acabou correndo atrás do carro. Ele foi muito rápido, batendo na lateral da van, e o motorista parou e entregou meu troco pra ele. Eu fiquei com tanta raiva do Amir. Não fazia sentido. Geralmente eu gostava de como ele era diferente do Junior, que estava sempre batendo nos outros ou falando sobre como batia nos outros. Garotos fazem muitas coisas estúpidas só pra provar sua masculinidade. Mas, naquele momento, eu queria que meu irmão tivesse tomado minhas dores e lutado. Só que ele não estava a fim de lutar.

Amir não gosta de conflito. Eu sempre fui a briguenta da família; acho que é por isso que meus pais sempre gostaram mais do Amir. Não faz essa cara, mãe, ele sempre foi seu favorito. Ele era o garoto educado e comportado. Eu era a filha teimosa. E era por isso que eu estava tão determinada a encontrá-lo.

Você deve saber uma coisa ou outra sobre investigações. Seu trabalho é procurar pistas e encontrar respostas, não é? Essa foi a missão que determinei pra mim mesma depois que o Amir desapareceu, então, antes de sair por aí entrevistando as pessoas que conheciam ele, eu tinha que procurar por pistas dentro da nossa própria casa. Isso significava investigar o quarto dele.

Amir limpou o quarto antes de ir embora. Fez a cama. Não tinha nem um par de meias sujas no cesto. Era como se, durante todo o tempo que viveu com a gente, ele havia sido só uma visita, e não o chato do meu irmão mais velho que deixava as cuecas acumuladas em quatro pilhas diferentes, uma em cada canto da cama. Meus pais e eu acabamos bagunçando um pouco o quarto naquele primeiro dia... Mas depois ninguém nunca mais entrou lá.

*image
not
available*

estava carregando almôndegas. Uma bandeja. Gigantesca. De almôndegas.

Almôndegas voaram por toda parte. Era como se o Vesúvio tivesse entrado em erupção.

— *Cazzo!* — o amigo de Giovanni gritou com raiva.

— *Eccolo* — Jahan berrou.

Dava para sentir a lava vermelha e o magma quente acabando com todo o meu plano brilhante de fuga. Por sorte, nenhuma obra de arte foi atingida – respingando apenas na minha camisa e na dele – mas, ainda assim. Eu me senti humilhado.

Uma multidão se formou ao meu redor enquanto eu me embolava com uma série de desculpas. Giovanni disse que eu não precisava me desculpar e me levou até seu quarto – que era imenso, por sinal, totalmente insano –, onde tomei um banho rápido e vesti uma das camisas dele. Era azul e com botões, feita com os mais macios fios italianos. Ele me observou de perto enquanto eu me trocava. Perguntei se ele não tinha alguma camisa menos cara, que parecesse menos com nuvens e mais com algodão, e ele simplesmente estalou a língua.

— Pode ficar com ela — ele disse. — As nuvens são suas.

Obviamente, não serviram almôndegas no jantar, mas, tirando isso, comemos de tudo. No meu prato, coloquei macarrão ao pesto com pistache, rodela succulentas de tomate com muçarela e um frango grelhado na manteiga que, sem sombra de dúvida, não era um prato italiano, mas mesmo assim foi o frango mais saboroso que eu já havia comido na vida... provavelmente porque eu o estava comendo na Itália. Algumas pessoas foram comer nas poltronas chiques de

*image
not
available*

Jahan pegou um isqueiro e tentou pelo menos doze vezes antes de conseguir acender uma chama. Ele acendeu um cigarro e olhou para mim como se me avaliasse.

— Você vai precisar aprender mais algumas coisas se quiser mesmo ficar aqui — Jahan disse.

Aquilo deveria ter me assustado mais do que de fato assustou – o conceito de permanência, uma nova vida em Roma –, mas eu estava bêbado. Soltei uma risada boba.

— Acho que eu deveria aprender italiano primeiro — eu disse. — Antes de me tornar um especialista em divas.

Jahan zombou.

— Bobagem — ele disse. E então apontou seu olhar para Neil. — Mas, se você quer mesmo aprender italiano, o Neil pode te ajudar. Ele é professor, sabe.

Neil e eu rebatemos.

— Acho que o Amir talvez prefira ser ensinado por um italiano de verdade...

— Sim, não. Quer dizer, não é bem isso. É só que...

— Vou ver com Francesco se ele tem algum amigo que possa te ensinar — Neil disse. — Talvez a gente consiga até achar um professor italiano gostoso.

— Francesco?

— O *amore* dele — Jahan disse.

— Meu parceiro — Neil esclareceu. — *Amore* significa amor.

— *Amore* — eu disse, analisando a palavra e associando a Neil e seu *parceiro*. Lembrei da noite anterior, quando Jahan me disse que Francesco estava planejando um pedido de casamento para o aniversário de Neil. — *Amore* — repeti, com uma risada desta vez.

*image
not
available*

a mascarar suas emoções ou trazer à tona a porra toda. Pode te ajudar a fazer amigos ou a perdê-los.

Chegamos ao Rigatteria, o bar que o parceiro de Neil havia recém-inaugurado. Eu meio que havia presumido que seria um bar gay, mas o lugar onde estávamos era literalmente o oposto de um bar gay. Era um antiquário. Havia pelo menos uns quinze lustres peculiares. Um painel de madeira. Poltronas e sofás que não combinavam, e estava quieto e vazio como qualquer antiquário. Neil me explicou que, em italiano, “*rigatteria*” significava “loja de quinquilharia”.

Quando subimos para o terraço, porém, o clima era completamente outro, diferente como o jeito que seu cérebro fica antes e depois de beber café. O andar de baixo era descafeinado; o terraço tinha a energia de um *espresso* triplo. Garotas e garotos italianos lindos, com maxilares definidos e camisas justas estavam dançando, e nos juntamos a eles. Havia luzes amarelas, laranjas... tantas luzes. Parecia que estávamos no centro do universo. Se o Rigatteria era uma loja de quinquilharia, o terraço era o seu tesouro escondido.

Às quatro da manhã, Jahan abriu um espacate na pista de dança e rasgou a calça. A festa estava mais viva do que nunca.

Às quatro e meia, Neil e seu parceiro se beijaram. Para ser sincero, senti ciúmes. Quando Neil se aproximou para me apresentar ao Francesco, senti meu corpo tenso e minha boca seca. Foi uma apresentação breve, já que Francesco realmente não falava nada de inglês.

— Acho que preciso *mesmo* te ensinar italiano — Neil riu.

Ele deu um tapinha nas minhas costas, e acho que Francesco percebeu minhas bochechas ficando vermelhas.

*image
not
available*

Vamos ter que dar um jeito nisso. Bom, eu não sei quais são os seus planos pra amanhã ou para o restante da sua estadia aqui...

— Na verdade, eu não tenho plano nenhum.

— ... mas você pode ficar no meu apartamento o quanto precisar.

— Não, não — respondi, fazendo gargarejo com água. — Não posso.

Jahan cuspiu na pia.

— Nunca te falaram pra não fazer *taroof* com a boca cheia, Amir *joon*? — Ele me passou uma toalha de rosto. — Eu insisto.

— É muita gentileza da sua parte, mas eu acabaria com a sua...

— *Nah, baba* — ele disse, balançando a mão na minha cara. — Você é mais do que bem-vindo aqui. Eu ficaria muito feliz em te hospedar. Extasiado. Deslumbrado! — Ele abriu um sorriso brincalhão. — Gostou da minha hospitalidade persa?

Não sei por que, mas toda vez que Jahan usava uma palavra em persa ou mencionava ser persa, eu dava uma cambalhota por dentro. Ele não mantinha suas duas metades separadas. Ele era iraniano. E gay. Tudo ao mesmo tempo. Eu nunca havia conhecido alguém como Jahan, alguém com duas vidas assim como eu, mas que abraçava os dois lados – todos os lados – de si mesmo.

*image
not
available*

Bebi um gole de água e foi como se os portões cintilantes do paraíso tivessem sido abertos dentro da minha boca. Peguei meu celular e encontrei uma mensagem de Neil, e sua foto no WhatsApp – ele em alguma praia, inclinado para a frente e sorrindo – acordou outras partes de mim.

Se você ainda quiser aquelas aulas de italiano, meu turno na livraria acaba às 17h hoje. Me encontra lá?

Uau.

Também notei que não havia mais nenhuma ligação perdida ou mensagens dos meus pais. Quando cheguei em Roma, eles me ligavam sem parar; agora eu já estava havia quase dois dias sem nenhum sinal deles. Aquilo me preocupou. Será que Jake havia finalmente decidido puxar o gatilho e contar meu segredo? Será que minha mãe e meu pai já tinham me excluído de suas vidas?

Levantei do sofá e fui até o banheiro para me recompor. Meu cabelo estava uma bagunça. Quando voltei para a sala de estar, um monte de drag queens estavam enfileiradas na tela da TV.

Jahan me lançou um olhar engraçado.

— Pela sua cara, parece que você está vendo uma invasão alienígena chegando à Terra pela primeira vez.

— Não, é só que...

— Você nunca viu uma drag queen antes, né?

Dei de ombros.

— Elas meio que me lembram palhaços.

Jahan balançou a cabeça negativamente. Ele abriu espaço no sofá e me chamou para sentar ao seu lado.

*image
not
available*

— Isso. Eu sabia que era o nome de um estado do Centro-Oeste. Enfim, drag queens são tipo a Hannah Montana, só que menos cafonas.

— Em primeiro lugar, como você *ousa* desmerecer a Hannah Montana desse jeito? — eu disse, apontando o garfo para Jahan. — E, em segundo, acho que Montana não fica no Centro-Oeste. Tecnicamente, fica no Noroeste.

— E como é que você sabe disso?

— Uma vez eu... passei um sábado inteiro editando todas as páginas da Wikipédia sobre as diferentes regiões dos Estados Unidos.

— Não vou nem perguntar — Jahan bagunçou meu cabelo. — Esquisito.

— Disse o cara que vê drag queens na TV todo domingo.

— Bom, mas me parece que você acabou gostando das drags também — Jahan disse com uma piscadinha. — Você achava que elas pareciam palhaços, mas viu que elas são muito mais do que isso. Viu só? Você só precisou dar uma chance a elas.

Contei para Jahan que ia encontrar Neil mais tarde para a nossa primeira aula.

— O que você vai fazer hoje? — perguntei.

— Eu ia dar um pulo em Nápoles, é uma viagem fácil pra fazer em um dia saindo daqui de Roma, mas parece que isso está fora de questão agora, né? — Jahan suspirou. — Eu deveria mesmo era fazer minhas tarefas de álgebra. Estou atrasado com alguns exercícios.

— Então você vai estudar?

— Provavelmente não. O dia está bonito demais pra ser responsável. Pra ser sincero, acho que só vou descer até o café

*image
not
available*

ser estava atizada enquanto Neil falava baixinho e enchia o caderno com palavras em italiano.

Ainda bem que Neil estava anotando tudo. Eu teria que revisar a aula inteira mais tarde, quando estivesse menos distraído.

— Como é “pergunta” em italiano? — perguntei, ao fim da nossa aula.

— *Domanda* — ele respondeu.

— Certo. Eu tenho uma *domanda*. *Io. Ho. Domanda*. — eu disse, me certificando de que usei a conjugação correta do verbo. — Qual é a do Rocco?

Neil puxou meu caderno e escreveu: *Io ho una domanda*. Merda. Foi por pouco.

— Na verdade, eu não conheço o Rocco muito bem. Ele e o Jahan já trabalharam juntos em uma pizzaria, acho, ou em alguma dessas lojas pega-turista na Piazza Navona, bem antes de a gente virar amigo. Foi assim que eles se aproximaram. Quando conheci o Rocco, ele era apenas o amigo artista do Jahan.

— Mas ele está com o Giovanni, certo? — perguntei.

Neil desviou o olhar.

— Sim.

Fiquei em silêncio por alguns segundos. Neil perguntou o motivo de eu querer saber mais sobre o Rocco, e eu expliquei a ele o que havia acontecido na noite anterior.

— Ih, rapaz — ele disse, apesar de não parecer surpreso. — Sinto muito.

*image
not
available*

Sala de interrogatório 38

Soraya

Um dia depois de ter falado com Jake no shopping, encontrei Jackson Preacher na Starbucks. Ele vestia uma camisa polo e shorts cáqui, com um chinelo marrom, e ficava estalando os dedos.

Como eu cheguei lá? Mãe, não finja que não sabe. Você me levou. Quer dizer, mais ou menos. Você me deixou no cinema ao lado do shopping. Eu disse que ia assistir ao novo Mamma Mia com a Madison. Nem existia um novo Mamma Mia. Aliás, mesmo que existisse, você sabe que a mãe da Madison não deixa ela ver nenhum filme com censura maior do que treze anos. Desculpa ter mentido.

Jackson foi supersimpático. Ele me comprou um doce, mas parecia um pouco nervoso também. Quando mandei mensagem pra ele pelo Instagram no dia anterior, ele me respondeu no mesmo instante, tipo, menos de um minuto depois. Me perguntou se eu tinha notícias do Amir. Achei aquilo meio esquisito. Ou aquele cara tinha assassinado meu irmão ou o Amir tinha, sim, um amigo na escola.

Começamos a conversar, e estava muito óbvio que nós dois estávamos tomando muito cuidado com as palavras. Eu não queria expor o Amir, caso o Jackson não soubesse de nada, então

*image
not
available*

Vinte e quatro dias atrás

Passei um minuto inteiro encarando aquela mensagem no meu celular.

Eu sei que você é gay.

Eram sete e meia da manhã. Só podia ser mentira.

Olhei em volta pela sala de Jahan. Tudo parecia em paz sob a luz da manhã. O sofá onde eu tinha acordado. A pilha de livros logo ao lado dele. A máquina de macarrão no balcão da cozinha, os pratos que eu e Jahan não lavamos por preguiça, o álbum da Joni Mitchell que ele botou para tocar para mim.

Tudo aquilo era real. A mensagem da minha irmã, não. Aquelas eram as palavras que mais temi durante toda a minha vida.

Você sabe que eu não ligo, né?

Você sabe que eu te amo.

O cheiro de *espresso* entrou pela janela, vindo do café lá da rua. Lentamente, voltei a respirar. Respondi a mensagem:

*image
not
available*

Alguns minutos depois, Jahan saiu do seu quarto. Eu o observei se arrastar até a cozinha com sua cueca vermelha xadrez.

— Acordou cedo — ele disse.

— Você também — respondi.

— acredite, não estou nem *perto* de estar acordado. — Jahan voltou da cozinha com um copo de água. Ele se apoiou em uma parede que era coberta de fotos Polaroid e deu um longo gole enquanto olhava para mim. — Está tudo bem?

Não. Minha irmã descobriu que eu sou gay. Não falo com meus pais há dias. Não sei mais o que fazer.

Observei Jahan. Ele mal conseguia manter os olhos abertos.

— Sim, tudo bem — eu disse.

Jahan assentiu, sonolento.

— As chaves estão na prateleira ao lado da entrada — ele disse, antes de voltar para seu quarto e fechar a porta.

Criei forças para sair do apartamento. Era o mais perto que eu tinha de uma rotina naquelas últimas manhãs, enquanto Jahan dormia até tarde. Jahan acreditava que, assim como o capitalismo e a heteronormatividade, as manhãs eram uma construção opressora, e a missão pessoal dele era ignorá-las.

Era uma manhã particularmente calma em Trastevere. Muitas lojas ainda estavam fechadas. Apesar de já estar familiarizado com algumas das ruas, eu ainda ficava admirado com aquilo tudo: as paredes cobertas de musgos, as roupas penduradas nas janelas, os becos estreitos que levavam até grandes praças.

*image
not
available*

brincadeira, honrado – em ser julgado por algumas delas. Mulheres com delineador escuro. Homens com calças justas e camisas largas, segurando cigarros entre os dedos. A fumaça circulando em cima deles.

A leitura em si era a grande atração. Uma mulher com uma tatuagem gigante no peito que dizia REVOLTA FEMININA em letras garrafais leu um poema feminista. Eu gostei bastante. Pensei em como Soraya teria gostado também. Jahan leu algumas estrofes de poemas do Rumi. A coisa toda era muito envolvente.

Depois das leituras, todo mundo voltou a beber, fumar e socializar. Jahan voltou para trás do bar. Ele estava usando uma camisa polo rosa. Lembrei que era quarta-feira e sorri.

— Gostei da referência a *Meninas malvadas* — eu disse, apontando para a camisa.

Ele me olhou confuso.

Eu olhei para ele mais confuso ainda.

— Por favor, me diz que você já viu *Meninas malvadas*.

— Se eu disser, estarei mentindo — Jahan respondeu.

— Jahan.

— Ai, dá um tempo.

— *Jahan*. — Bati com a palma da mão no balcão. — Você está literalmente participando de uma piada interna de um dos maiores fenômenos do século vinte e um, uma obra-prima da cultura norte-americana, e você não faz a mínima ideia.

Expliquei a piada para ele. Jahan me perguntou qual personagem do filme ele seria e eu disse que, provavelmente, o Damien, que era “gay demais da conta”.

— Me sinto ofendido — Jahan disse. — Eu sou gay exatamente na medida certa.

*image
not
available*

Sala de interrogatório 38

Roya Azadi

Na escola persa onde dou aula, perguntei a uma das alunas, que estava dois anos abaixo de Amir no ensino médio, se ela estava sabendo de alguma coisa. Ela disse que havia alguns rumores se espalhando naquele semestre – claramente havia alguma coisa que aquela menina não queria me contar. Então ela disse que ia rezar para que Amir voltasse para casa. Achei estranho. Não havíamos contado para ninguém sobre o sumiço de Amir.

Fiquei pensando: como foi que ela descobriu?

*image
not
available*

Sala de interrogatório 38

Soraya

Eu sei que não deveria ter contado.

Foi muita estupidez da minha parte contar o segredo do Amir. Eu não estava pensando direito. Mas meus pais estavam me olhando com tanto desespero, como se quisessem saber mais, como se nada que eu dissesse pudesse ser o bastante pra eles desistirem da missão de encontrar o Amir.

Eles não acreditaram em mim de cara. Acharam que eu estava inventando. “Não, não, não”, eles disseram. “Não pode ser verdade.” Então eu fui mais longe e disse que já tinha conversado com Amir sobre isso e que eu o amava muito, depois fiquei toda emotiva e super na defensiva. Acho que minha mãe foi quem acreditou primeiro, porque a boca dela começou a se contrair até virar uma linha fina, bem do jeito como está agora. Eles me pediram pra sair da cozinha.

Fui para o meu quarto e me sentei na cama, me sentindo muito, muito mal. Mandeí mensagem contando tudo para o Amir. Ele só foi me responder muito mais tarde. Tudo o que fez foi pedir pra que eu participasse também caso Maman e Baba ligassem pra ele.

A ligação não deu muito certo.

*image
not
available*

Sala de interrogatório 39

Afshin Azadi

A minha relação com o Amir? Minha relação com meu filho é boa. Ele sempre foi muito inteligente, um menino responsável e prático, então toda essa fuga foi algo bem fora do comum. A briga no avião também foi fora do comum. Esse não é o Amir que eu conheço.

O Amir que eu conheço... Sei que meu filho é forte. Mas me preocupo com ele na outra sala, se estiver sendo interrogado. Ele é sensível. Ele é – não quero dizer “fraco” agora, mas ele está passando por muita coisa, então você não deve levar tudo que ele fala ao pé da letra.

O senhor disse que, se tivesse que adivinhar, diria que eu também estou passando por muita coisa? Eu estou bem, senhor. Não diria que estou em um momento ideal, mas estou bem. Tenho tudo sob controle. Sou homem, e esta é a minha família. A situação pode estar difícil, bem longe de como eu gostaria que estivesse, mas estou bem.

Essas perguntas não têm nada a ver com o porquê de termos sido separados dentro daquele avião. Minha família só estava conversando. Só isso.

Quinze dias atrás

Mergulhei os dedos na fonte. Eu havia entornado um pouco de Prosecco na minha camisa antes de os meus pais ligarem, antes de eu me atrapalhar para atender, e achei que deveria tentar tirar a mancha.

— Onde você está? — meu pai perguntou ao telefone. — Por que você continua ignorando nossas ligações?

— Não importa — respondi, molhando a camisa que comprei ontem. A loja se chamava OVS; basicamente uma loja de departamento barata.

— Amir — ele disse, exausto. — Vem logo pra casa.

— Depois daquela última ligação? De jeito nenhum — eu disse, me levantando da borda de mármore da fonte. De canto de olho, observei Jahan e os outros em um banco no fim do parque, abrindo mais uma garrafa de Prosecco. Queria voltar para perto deles.

— Por favor. A gente pode resolver isso juntos — minha mãe disse. As mesmas palavras que ela havia usado na última ligação, aquela que terminou em barraco. Quanto tempo já havia se passado? Quatro dias? Cinco?

— *Resolver?* — cuspi a palavra.

— Podemos buscar ajuda — meu pai disse. — Você está confuso, nós entendemos...

— Eu não estou confuso! — gritei. Quase derrubei um garotinho italiano. — Eu já disse. Não estou confuso. Eu não poderia estar menos confuso. Não existe nem um único osso no meu corpo que esteja confuso.

— Sim, você está!

— Meu filho querido, me escuta. Sua vida vai ser muito mais difícil. Você não...

— Um segundo — eu disse.

Vi Jahan se aproximando com suas unhas pintadas com esmalte preto e acenando. Ele mexeu os lábios perguntando *Tudo bem?* e eu respondi com um *Sim*. Ele confirmou com a cabeça e me deu as costas.

Meu coração, de repente, estava acelerado. Jahan e os outros pareciam desconfiados agora.

— Eu tenho que ir — disse para os meus pais.

Dei um suspiro longo e arrastado, tentando tirar a expressão de raiva do rosto. Eu não deveria ter atendido, não depois da última ligação. Ótimo. Agora eu estava irritado novamente. Era como se eu tivesse derrubado uma caixa que dizia FRÁGIL: MANUSEIE COM CUIDADO.

Durante todo aquele tempo, eu conseguia imaginar perfeitamente como seria se eu voltasse para casa sem nem precisar do placar mental. Eu já havia lido histórias o bastante na internet para saber o que “Podemos *resolver* isso” queria dizer.

A esta altura, eu não iria embora da Itália por nada. Além do mais, eu tinha uma vida aqui.

Eu passava meus dias com Jahan. Tinha encontrado um apartamento para mim em Testaccio, a dois quarteirões deste parque onde ele e seus amigos gostavam de beber Prosecco

durante o dia. Eu também estava passando mais tempo no Tiberino, o restaurante na Isola Tiberina, editando páginas da Wikipédia por dinheiro.

Eu estava um pouco nervoso em relação ao dinheiro. Havia terminado o trabalho para aquela empresa de criptomoedas três dias atrás e eles ainda não tinham mandado o dinheiro para minha conta no PayPal.

Mas valia a pena. Ficar até tarde da noite no Rigatteria, passar as tardes na Piazza Testaccio. Filmes com Jahan e seus amigos na sala de estar, música dos anos oitenta e vídeos de *RuPaul's Drag Race*.

Respirei fundo mais uma vez e marchei de volta em direção a Jahan e seus amigos no banco. Eu gostava dessa vida. Muito.

Antes mesmo que eu pudesse me sentar, Rocco me fez uma pergunta.

— Qual foi o lugar mais esquisito onde você já pegou alguém?

— Estamos jogando um jogo — Jahan explicou, me entregando um copo plástico com Prosecco. — Cada um tem que dizer o lugar mais estranho onde já fez sacanagem. Ou, pelo menos, uma *sacanagenzinha*.

Eu ainda estava desgastado da ligação com meus pais. Tomei um gole de Prosecco.

— Podem me pular? — perguntei.

Rocco revirou os olhos. Ele estava deitado no banco, olhando para o céu. Jahan, que estava ajoelhado ao lado dele com a garrafa de bebida na mão, abriu a boca para dizer alguma coisa, mas o interrompi.